

Proprietário, José Bernardo da Silva

A Força do Amor



Alonso e Marina

Prop.: José Bernardo da Silva

A FORÇA DO AMOR

Alonso e Marina

NESTES versos eu descrevo
a força que o amor tem
que ninguém pode dizer
que não há de querer bem
o amor é como a morte
que não separa ninguém

Marina era uma moça
muito rica e educada
o pai dela era um barão
duma família ilustrada
mas ela amou a Alonso
que não possuía nada

Ambos nasceram num sitio
num dia, na mesma tarde;
pegaram logo a se amar
com nove anos de idade
se todos dois fôsem ricos
era um casal de igualdade

Alonso era enjeitado
sem ter de família o nome
criado por um ferreiro
trapilho, passando fome
pois quem é criado assim
todos os dias não come

MUSEU DO AÇUCAR

Biblioteca

F 1223 / 27 / 1/74

Pelas mercês de Marina
Alonso pôde estudar
Marina não tinha mãe
se sujeitava a tirar
do dinheiro do barão
para Alonso sustentar

Estava com 20 anos
dispôs-se um dia Marina
disse a Alonso: me peça
veja o que a sorte destina
é bom que se saiba logo
meu pai o que determina

— Amanhã pelas 10 horas
você vá ao barão
chegue lá declare a ele
que pretende a minha mão
conforme o que ele disser
eu tomo resolução

— Se não faltar-lhe a coragem
havemos de conseguir
meu pai não é raio elétrico
que nos possa consumir
ou faz o que nós queremos
ou então ver eu sair

Alonso aí respondeu:
não obsta ser um barão
título comprado não pode
comprar a um coração
ele é mortal como eu
um de nós perde a ação

—Ele pode deserdá-la
 tomar tudo que fôr seu
 casar-me com moça rica
 não é interêsse meu
 amo-a mais que minha vida
 escravo do amor sou eu

No outro dia às dez horas
 Alonso foi ao barão
 chegou com tôda coragem
 fêz-lhe a declaração
 que amava a filha d'ele
 pretendia dela a mão

Exclamou logo o barão:
 és assim tão atrevido?
 não respeitas mais a mim?
 aonde estás tu metido?
 então eu tenho uma filha
 para dar a um bandido?!

Disse Alonso: senhor barão
 não obsta eu ser um pobre
 sua filha é potentada
 me ama sem eu ser nobre
 amor não olha riqueza
 inda que a pobreza dobre

O barão chamou 3 praças
 deram-lhe voz de prisão
 arrastaram o pobre Alonso
 como se fôsse ele um cão
 ou se fôsse um insolente
 um criminoso ou ladrão 439

O barão chamou a filha
perguntou se tinha dado
consentimento a um bandido
que tinha o injuriado
pedindo a mão da filha
sendo elle um desgraçado

—Foi eu, respondeu Marina
que mandei elle pedir
e amo-o desde pequena
se o amor não conseguir
no solo do cemitério
hei de com elle me unir

O barão corou e disse:
descanse seu coração
se você casar com elle
eu deixo de ser barão
pois eu morto, a minha cinza
reconhece o meu braço

—Eu já o mandei prender
e fiz recomendação
que não consentisse alguém
levar-lhe água nem pão
creio que mais de dez dias
não terá de duração

Disse Marina: meu pai
pode se enganar
ainda Alonso morreado
ou o atirarem no mar
me lançarei no abismo
e vou com elle parar

— Porém êle é pobre assim
não tem pai, foi enjeitado
é pobre, mas tem orgulho
de dizer: sou homem honrado
pode a sorte o proteger
será êle um potentado

— Cale-se, infeliz maldita!
falou brado o barão
se articular comigo
eu a boto na prisão
moto-a debaixo dos ferros
e lhe acabo a opinião

— Pode matar, disse ela
satisfaça a sua paixão
pode aniquillar meus dias
mas não minha opinião
só Deus sabe, mais ninguém
o que tenho no coração

Se recolheu ao quarto
deixando o pai no salão
estudando qual o meio
dela enganar o barão
e como podia tirar
o amante da prisão

Depois de pensar um pouco
chamou a criada dela
disse que fôsse a cadeia
falasse com o sentinela
que ela mandava dizer
que fôsse falar com ela

Recebe o guarda o recado
 e prontamente chegou
 ela estava no jardim
 logo ao guarda falou
 não houve aí quem soubesse
 a cilada que ela armou

Disse Marina ao guarda:
 você é um desgraçado
 mil anos que viva aqui
 não passará dum soldado
 solte Alonso que está prêso
 que o faço felizardo

—Senhora, disse-lhe o guarda
 isso faz minha desgraça
 se eu fizer isso, seu pai
 acaba até minha raça;
 disse Marina, deserte
 pra que você quer mais praço?

- Dou-lhe dez contos de réis
 para você o soltar
 éle vai para o Japão
 onde há de negociar
 você deserte com éle
 lá pode bem se arrumar

Aí o guarda saiu
 com sentido no diaheiro
 e pôde se aproveitar
 do sono do carcereiro
 tirou as chaves do bôiso
 soltou o prisioneiro

Chegaram ambos no jardim
Alonso com o soldado
ela foi ver o dinheiro
que há anos tinha guardado
achou cem contos de réis
dinheiro forte cunhado

Ai disse ela a Alonso:
vamos lutar com a sorte
fuja para o Japão
dou-lhe um falso passaporte
com as paixões de meu pai
você vá, não se importe

—Quando escrever para mim
para não ser descoberto,
bete Jacuária Mendes
filha do Herculano Alberto
as que eu esquecer daqui
vão Inácio Felisberto

—Você enricando lá
depois quando aparecer
meu pai estará mais brando
não odeia mais você
se flude com o dinheiro
tudo se pode fazer

Quando foi no outro dia
o barão pôde saber
que Alonso tinha saído
deu-lhe febre, quis morrer
não assassinou Marina
por um padre interceder

Com quatro dias depois
veio um moço passear
foi à casa do barão
e êsse deu-lhe um jantar
o tal moço viu Marina
pediu-a para casar

O barão disse que dava
porém Marina não quis
disse-lhe pessoalmente:
comigo não é feliz
fora Alonso, para mim
não tem outro no país

Lhe replicou o barão:
à força há de casar
êste homem é muito rico
tem bem com que te tratar
se não me fizeres os gostos
a vida há de te custar

- Meu pai, respondeu Marina
a morte a mim me faz bem
o homem que casa à força
que sentimento bom tem?
eu sou mulher, mas à força
não me caso com ninguém

---E o senhor cavalheiro
saiba que está enganado
esposa sua eu não sou
pois assim tenho jurado
pode ficar na certeza
que não logra êste bocado

Disse o barão: se apronte
 que ela não se governa
 lida que nisto intervenha
 a autoridade eterna
 casa ainda que vá
 ao fundo duma cisterna

Faltavam apenas 2 meses
 para a realização
 quando veio a precatória
 foi logo às mãos do barão
 denunciando o tal moço
 de assassino e ladrão

Dêste ficou ela livre
 pois a justiça o prendeu
 porém por caipora dela
 um primo lhe apareceu
 pedindo-a a casamento
 o pai prontamente deu

Então Marina lhe disse:
 meu pai faça o que quiser
 só me caso com Alonso
 dê o caso no que der
 homem nenhum neste mundo
 terá a mim por mulher

O pai já tinha comprado
 um muito rico enxoval
 disse a ela: você case
 casa por bem ou por mal;
 respondeu ela: meu pai
 prepararei um punhal

Então escreveu ao primo
 que não viesse casar
 sob pena de morrer
 era cálculo sem errar
 pois mesmo nos pés do padre
 ela havia de o matar

Ele mandou lhe dizer
 que abrandasse o coração
 se esquecesse do bandido
 que envergonhava o barão
 dali a dois dias mais
 ele lhe daria a mão

Afinal chegou o dia
 que havia de casar
 disse Marina consigo:
 por certo hei de me acabar
 que romance interessante
 alguém de mim vai formar!

Estava o altar preparado
 o bispo e o capelão
 o presidente da província
 que era amigo do barão
 a sala estava completa
 de homem de posição

As criadas de Marina
 vestiram o rico enxoval
 ela disse a uma delas:
 manda dobrar o sinal;
 e r... debaixo da roupa
 aticou o lego . . .

Chegou ao pé do altar
 mesmo na ocasião
 que o bispo preparou tudo
 o noivo estendeu a mão
 ela cravou-lhe o punhal
 em cima do coração

O punhal entrou um palmo
 êle caiu sobre o chão
 ela perguntou ao pai:
 está satisfeito, barão?
 viu como uma mulher faz?
 cumpri minha jura ou não?

O barão ficou pocioso
 quis na mesma ocasião
 vibrar-lhe outra punhalada
 deixá-la morta no chão
 soluçava em desespero
 em pensar naquela ação

Foi um irmão do tal
 vingar nela o seu irmão
 ela disse: êste punhal
 é tudo em minha mão
 abaixo da Deus é êle
 quem me dá a proteção!

Aí cravou-lhe o punhal
 êle caiu sem alento
 ela enxugando gritou:
 tudo aqui eu arreentoi
 até meu pai se op
 morre ou sofre fermentoi

Aí o bispo pegou-a
e deu-lhe voz de prisão
— Estou preso, disse ela
mas não me entrego ao barão
meu pai me fez assassina
e fez minha perdição

Apontou para o cadáver
e lhe disse: desgraçado
morreste por ser covarde
sendo por mim avisado
teu irmão também morreu
e tu foste o culpado

O bispo disse: Marina
eu garanto a tua vida;
então respondeu Marina:
ao senhor estou rendida
a morte não faz terror
quando a alma está ferida

— Jurei perante a meu pai
que com outro não casava
porque o amor de Alonso
fielmente conservava
e disse que este punhal
era quem me advogava

— Avisei este covarde
já no último momento
preveni-lhe que o matava
no ato do casamento
aquilo que digo, faço
já cumpri meu juramento

— Meu pai me fez assassina
 devido a sua ambição
 prefiro morrer de fome
 encerrada na prisão
 porém o amor de Alonso
 não sai do meu coração!

— Se na prisão me acabar
 for presente ao Criador
 se eu lá puder lhe falar
 direi a êle: Senhor
 tôda culpa que eu tive
 foi entregue ao meu amor!

Disse o barão que a levassem
 para a prisão, amarrada
 porque era assassina
 sanguinária desgraçada
 — Duas vítimas inocentes
 fez agora esta malvada!

As criadas acompanharam
 até entrar na prisão
 ela primeiro que tudo
 escreveu para o Japão
 contando tudo a Alonso
 o que fez na aflição

Alonso já tinha ganho
 2 mil contos no Japão
 quando recebeu a carta
 quise morrer de paixão
 disse consigo: é agora
 que me viço do barão

Na carta lá o seguinte:

«Alonso, me desgraçei
 «papai quis casar-me à força
 «qu'eu não casava, jurei
 «me levaram aos pés do padre
 «lá mesmo o noivo matei

«Matei mais um irmão déle
 «que interveiu-se na questão
 «porque também receava
 «que podia ainda o barão
 «visto ter morto meu noivo
 «querer dar-me o outro irmão»

Tomou Alonso um vapor
 e seguiu no mesmo dia
 com 6 dias de viagem
 chegou aonde queria
 mudou de traje e de nome
 que ninguém o conhecia

Encontrou na rua um homem
 que lhe pedia dinheiro
 porque esse avallava
 ser Alonso um estrangeiro
 Alonso viu com u'as chaves
 conheceu ser carcereiro

Alonso aí perguntou:
 o amigo é carcereiro?
 —Sou, meu moço, disse o velho
 um mendigo aventureiro
 há 3 meses que trabalho
 e não recebo dinheiro

Alonso com muito jeito
 fêz-lhe a indagação
 perguntou: o senhor tem
 as chaves duma prisão
 dessa prisão onde está
 a menina do barão?

—É esta; mostrou a chave
 com que eu abro-lhe a porta
 há seis dias, coitadinha
 com 1 ferro pesado às costas
 tanto eu creio que amanhã
 talvez amanhã morta

—Quer 20 contos de réis
 pra tirá-la da prisão?
 disse Alonso mostrando
 o cheque que tinha na mão
 disse o velho: Deus me livre!
 o que me faz o barão?

—Amigo, eu sou Alonso
 por quem Marina está presa
 moro no Japão, sou banqueiro
 tenho dinheiro e grandeza
 venho de lá ocultamente
 só tratar dessa deusa

—Dou-lhe o dinheiro logo
 e fuja para o Japão
 chegue lá pode contar
 com a minha protecção
 pois eu para os japoneses
 tenho mais força que o barão

O velho coça a cabeça
 diz ai: eu vou pensar;
 olhava para o diabeire
 não podia dispensar
 — Pois 20 contos de réis
 eu não deixo de ganhar

A seis dias que Marina
 não via água nem pão
 nem luz sequer lhe traziam
 que horrível situação!
 com 12 quilos de ferro
 quase morta sobre o chão

Quando chegavam-lhe dores
 ela assim mesmo gemia
 interrogava a si própria:
 será noite ou será dia?
 nem sequer entra uma réstea
 nesta maldita esxovia!

— Meu Deus, que coza escura!
 oh! tormento sem modêlo!
 oh! luz do sol cintilante!
 o sol mais nunca hei de vê-lo!
 sou companheira das trevas
 nesta habitação de gélo!

— Também pouco custará
 a pôr termo em minha vida!
 que tem que soffra estas dores
 morrer aqui oprimida?
 É de sofrer assim...
 não me faz arrependida

Veio o velho com Alonso
 e entraram na prisão
 Alonso quise desmala
 vendo Marina no chão
 pôs-lhe a mão, achou-a fria
 que fazia compaixão

Alonso levava leite
 rapidamente aqueitou
 pondo Marina no colo
 ela com pouco acordou
 tomou um pouco de leite
 com pouco mais melhorou

Quando Marina tornou
 que viu Alonso a seu lado
 exclamou: meu Deus, é sonho?
 ou eu terei me enganado?
 fitou e chamou por êle
 disse: oh! anjo abençoado!

Logo que Alonso se viu
 com Marina em seu poder
 disse consigo: eu agora
 pouco me importa morrer
 fiz o que ella me fez
 pode o barão se morder

Quando êles estavam fora
 um official os viu
 e para Alonso e Marina
 como uma fera partiu
 Alonso com um punhal
 cravou-lhe e êle caiu

Chegaram mais 5 praças
 a Alonso acometeram
 Alonso atirou em dois
 ai mesmo elles morreram
 Marina inda matou um
 ficaram dois e correram

Correu ao pôrto e disse
 ao capitão do navio
 que queria partir logo
 que o tempo estava de estio
 esse disse: agora não;
 o barco estava vazio

No outro dia às 10 horas
 estava o barco preparado
 o barão desconfiou
 que o barco estava fretado
 pôs em estado de estio
 foi o navio embargado

Correu-se canto por canto
 a fim de ver se achava
 um velho amigo de Alonso
 numa cova os conservava
 então o velho escondido
 todo negócio espreitava

Alonso mandou pelo velho
 uma carta ao capitão
 que fosse falar com elle
 pois havia precisão
 dizendo: tenho dinheiro
 que

Pronto o capitão chegou
então Alonso lhe disse
que queria retirar-se
oculto que ninguém visse
a quantia de dinheiro
o capitão lhe pedisse

Com pouco chegou 1 soldado
procurando o capitão
chegando a ele entregou-lhe
uma carta do barão
dizendo: custa-lhe a vida
se partir para o Japão

O capitão que era forte
disse a Alonso: se apronte
embarque, conduza a moça
comigo até ao Japão, conte
você só sal do meu barco
se fizerem de mim pente

A uma da madrugada
o navio abriu a vela
seguiu de bandeira içada
então a noite era bela
pois no mar isso é vantagem
uma noite como aquela

Assim que o vigia viu
que Alonso tinha fugido
correu, deu parte ao barão
que o barco tinha saído
o barão deu um ataque
ficou sobre o chão caído

Mandou chamar u'a esquadra
 e mandou que perseguisse
 onde pegasse o navio
 prendesse se resistisse
 matasse Alonso lá mesmo
 queimasse a filha se visse

Já tinha andado 2 dias
 era uma manhã cedo
 deu fé de uma tripulante
 que perseguia um torpedó
 o capitão preparou-se
 e disse: aqui não há medo

Com poucas horas depois
 o navio os alcançou
 deram-lhe voz de prisão
 o capitão se alterou
 Alonso saiu na prôa
 a batalha se travou

Cento e quarenta soldados
 contra o barco se botaram
 o capitão morreu logo
 com os tiros que trocaram
 o navio que Alonso lá
 as balas o estragaram

Marina disse a Alonso:
 se perdemos esta vitória
 tocamos fogo na pólvora
 que para nós será glória
 de nós não há um que fique
 pa' contar a história

O chefe da expedição
 disse a Alonso: se renda;
 Marina com ânimo disse:
 a nós não vejo quem prenda
 estamos sós, vamos ver
 quem é que ganha a contenda

Disse Alonso: peleje...
 e desceu logo ao porão
 trouxe um caixote já pronto
 e com tôda disposição
 deitando fogo na pólvora
 foi medonha a explosão

Porém Alonso e Marina
 da explosão escaparam
 por uma felicidade
 uma tábua encontraram
 passando por perto d'elles
 ambos nela se agarraram

Das inimigos de Alonso
 apenas um se salvou
 por sua felicidade
 um salva-vida inda achou
 que foi ele que ao barão
 todo occorrido narrou

O barão como uma fera
 depois de está informado
 aí foi ver o punhal
 que ainda estava guardado
 remeteu aos pais dos mortos
 qu'era o cômico dos combates

E mandou pedir ao conde
 que guardasse por lembrança
 o punhal com todo sangue
 como papel de herança
 dizendo; eu só apareço
 depois da minha vingança

Mandava dizer na carta
 do conde de Montalvão:
 «vou perseguir o bandido
 «o mato num caldeirão
 «Marina, abro-a pelas costas
 «arranco-lhe o coração»

O conde e a condessa
 quando a carta receberam
 com essa triste notícia
 que seus 2 filhos morreram
 passaram 8 ou 10 dias
 que água apenas beberam

O conde e a sua mulher
 todo dia consultava
 que de todos os seus filhos
 apenas um lhes restava
 e esse para o futuro
 era quem tudo viçava

Deixemos aqui os planos
 que os condes adotaram
 veja Alonso e Marina
 como foi que se salvaram
 quase nas ânsias da morte
 como um protetor acharam

O navio afundou logo
 devido os grandes estragos
 Marina disse a Alonso:
 morremos bem estamos pagos
 nossas almas vão unidas
 Deus verá nossos afagos

Disse Alonso: eu contigo
 da morte não tenho lembrança
 faço de conta que vou
 para o céu numa mudança
 teu peito serve de sombra
 onde minha alma descansa

Disse Marina sorrindo:
 isto aqui é um altar
 os peixes são sacerdotes
 um há de vir nos casar
 eu fui pedida na terra
 e o casamento é no mar

Ambos ficaram vagando
 esperando pela morte
 Alonso disse: Marina
 vamos ver que dá a sorte
 baja o que Deus fôr servido
 iada que a vida nos corte

Disse Marina a Alonso:
 eu não tenho a esperança
 o mundo, o outro é a família
 risquei tudo da lembrança
 tudo com a morte se acaba
 tudo com a vida se bitanga

Olhou para Alonso e disse:
 vamos fazer oração
 nos confessamos a Deus
 e lhe pedimos perdão
 por tumba temos o mar
 por coveiro o tubarão.

Olhou para o céu e disse:
 Jesus Cristo Redentor
 Deus e homem verdadeiro
 de todo mundo senhor
 olhai pra estes infelizes
 pobres escravos do amor!

---Pelo tópo do calvário
 onde a grande cruz se ergueu
 por vosso sangue inocente
 que em gôta na cruz desceu
 pelas chagas, pelos cravos
 perdão para o crime meu!

---Pelo cálice de amargura
 vos peço meu Deus, me acuda
 eu só mereço que faças
 para mim as ouças mudas
 vos peço por vossas dores
 e pela tragédia de Judas

---Meu Deus vós bem conheceis
 meu coração traidor
 não fiz traição a meu pai
 nem a esse lenho rancor
 só vós poddes me salvar
 a ciência do amor!

—Vos peço, ó Deus, se quiser
 com pena me castigar
 mandai que as águas se abram
 para pelas me afogar
 salvando Alonso é bastante
 estou satisfeita em pagar

Aí Mariaa ouviu
 uma voz desconhecida
 dizer-lhe; a tua oração
 por Deus do céu foi ouvida
 com pouco vem uma onda
 que salvará tua vida

Então perguntou Marina;
 quem és tu qu'estás falando?
 —E' tua mãe; respondeu
 estou sempre por ti velando
 há quinze anos que morri
 mas vivo te acompanhando

Aí chegou uma onda
 com tôda força arrojou-os
 com espaço de 3 horas
 sôbre uma praia botou-os
 Alonso pegou Marina
 aí a onda deixou-os

Já o sol ia se pondo
 seus raios de ouro morrendo
 o manto negro da noite
 sôbre o mundo se estendendo
 e êles esmorecidas
 gelados no chão tremendo

Marina exclamou: que frio!
 que fome me davorando!
 que ilusões, sinto nervosa!
 que dóres me ameaçando!
 será o anjo da morte
 que está nos visitando?!

Nisto ouviram umas pisadas
 era um homem pescador
 viu os dois caídos ali
 gritou com todo terror:
 é alma do outro mundo
 ou algum salteador?!

— Não sou alma, nem ladrão
 nós somos dois naufragados
 escapamos de morrer
 estamos aqui derrotados
 lutamos o dia inteiro
 saímos, estamos gelados

— Esta não é pergunta o homem
 — Ambos estamos, senhor;
 — Coitados, que lástima é esta!
 exclamou o pescador
 náufragos em terra alheia
 meu Deus do céu, que horror!

— Meu amigo, eu sou 1 pobre
 pobre e desprevenido
 sinto nada possuir
 (disse-lhe o desconhecido)
 porém vou em nossa casa
 ver se arrumo um vestido

O homem com a mulher
 conseguiu logo um vestido
 Alonso vestiu Marina
 que tinha esmorecido
 e se embrulhou numa capa
 que o homem tinha trazido

Disse o pescador a eles:
 eu não tenho o que lhes faça
 minha casa é a mais pobre
 que tem aqui nesta praça
 vamos pra lá assim mesmo
 que a noite depressa passa

Alonso pôs-se indagando
 depois duma refeição
 se ali morava algum homem
 que tivesse transação
 ou tomasse alguns dinheiros
 aos banqueiros do Japão

— Tem Monseñor Manacés;

— E Manacés mora aqui?

— Mora, e é negociante
 a casa dele é ali;

— E' meu freguês, disse Alonso
 só tem ó que nunca o vi

Então Alonso escreveu-lhe
 contando todo o ocorrido
 contando o seu embarque
 como se tinha perdido
 e da forma que se achava
 e como tinha saído

Manacés na mesma hora
 veio aonde Alonso estava
 perguntou-lhe o que queria
 e de quanto precisava
 disse o quanto possuía
 ao dispor d'êlé se achava

---Precisava uma embarcação
 para dar ao pescador
 êle foi bom para mim
 foi êle meu salvador
 é necessário lhe dar
 seja que quantia fôr

O navio que Alonso vinha
 o mar tinha arrojado
 estava perto da praia
 que as águas tinham botado
 foram, acharam o dinheiro
 que Alonso tinha guardado

Alonso comprou um barco
 que estava no estaleiro
 procurou um capitão
 um homem forte e guerreiro
 que fôsse conhecedor
 de qualquer mar estrangeiro

Depois 5 ou 6 dias
 tomaram o barco e seguiram
 levando quatro criados
 que para o Japão partiram
 mas logo ao sair do porto
 em grande luta se viram


Um grande peixe feroz
 contra o barco se botou
 quase que vira o navio
 ainda o arruinou
 porém vinha um calafate
 aí mesmo o consertou

Ia tudo tão tranquilo
 nada havia de embarço
 Alonso e Marina andavam
 sempre na prôa, de braço
 o barco como uma ave
 que ia cortando o espaço

Mestrava Alonso a Marina:
 vês este sol como brilha?
 aquêles flocos de neve
 flagindo uma maravilha?
 como é belo uma hora desta
 juntar-se as nuvens em pilha!

Nesse momento Marina
 olhando para a amplidão
 obsevou que atrás dêles
 vinha uma embarcação
 com u'a bandeira encarnada
 conheceram ser o barão

--Alonso! exclamou Marina
 nossa desgraça chegou!
 olha aquela embarcação
 foi Deus que nos castigou!
 meu Deus, oh! que tormento!
 mas Alonso a acalmou



Disse ao capitão do barco:
somos de nôvo perseguidos
se o barco nos alcançar
um de nós fica perdido
êle hoje mata ou morre
um de nós fica vencido

Marina disse a Alonso:
eu sou filha, êle é meu pai
contudo ainda o amo
sinto um amor que me trai
hoje somos inimigos
um de encontro ao outro vai

Não passaram duas horas
se confrontaram os guerreiros
os navios eram bons
ambos fortes e ligeiros
o barão se preparou
e preveniu 2 artilheiros

Então gritou a Alonso:
pára êste barco, bandido!
hoje te arrependerás
de seres tão atrevido!
Alonso disse ao barão:
haja o que Deus fôr servido

Aí gritou o barão:
atirem neste navio
pois a um bandido dêste
não se fala em desafio
se êle escapar, vou dentro
mato tudo a ferro frio!

Dispararam duas peças
 que o navio estremeceu
 Alonso também de cá
 um tiro enorme lhe deu
 o navio que Alonso ia
 uma bala luda o rompeu

Alonso disse ao barão:
 é melhor se acomodar
 volte daqui, vá viver
 não queira me desgraçar
 eu pago suas despesas
 para o senhor se aquietar

— Miserável aventureiro
 não quero te dar ouvido
 tu hoje hás de me pagar
 tudo que tenho sofrido
 num caldeirão dêste barco
 haverás do ser cozido!

E repetiu com um tiro
 mas Alonso se livrou
 atingiu o capitão
 um balaço aterrador
 esse morreu ali mesmo
 que nem gemeu com a dor

Um teneste coronel
 que acompanhava o barão
 saltou no navio de Alonso
 com uma espada na mão
 Marina deitou-lhe um tiro
 morreu e não fez ação

Investiu mais um major
 um sargento e um soldado
 Marina emparelhou os três
 com um tiro tão acertado
 que matou 2 num momento
 outro ficou aleijado

O barão e os 2 alferes
 contra Alonso e 2 criados
 travaram uma grande luta
 estavam muito irados
 pareciam seis leões
 lutando desesperados

Marina disse: meu pai
 deixe de ser orgulhoso
 atenda o poder divino
 que é o único poderoso
 lhe peço em nome de Deus
 não seja tão rigoroso

—Suma-se, infeliz maldita!
 não quero olhar-te 1 instantef
 se eu aqui não me aloger
 mato a ti e a teu amante
 eu mato ainda que Deus
 contra mim se meta adiantef

Tudo já tinha morrido
 restava êle sòmente
 Alonso viu que morria
 e barão estava imprudente
 soltou-lhe uma dinamite
 foi-se o barco de repente

Porém por felicidade
sempre que viu o barão
agarrou-se num escaler
que escapou da explosão
escapou quase sem roupa
porém o punhal na mão

O navio que Alonso ia
da explosão se estragou
de gente ficaram eles
o mais tudo se acabou
felizmente que o diabo
Marina logo guardou

Submergiu-se o navio
eles salvaram-se em um bote
Marina exclamando disse:
ó Deus, naufrágio é meu dote!
pedimos, Senhor, agora
que em bote prala nos bote!

O barão desesperado
por não poder encontrar
com Alonso e Marina
com tenção de ainda lutar
levava o punhal nos dentes
que chegava a se cortar

Conseguiu se encontrar
com o bote que Alonso ia
falava, mas com a cólera
quase que ninguém ouvia
quando olhava para ele
todo corpo lhe tremia

—Eis aí, disse o barão
vamos ver o que dá a sorte

bandido, hoje um de nós
 será herdeiro da morte
 as feras são testemunhas
 ganhará quem fôr mais forte!

E se travaram na luta
 inda Alonso se feriu
 Alonso virou-lhe o bote
 éle négua se sumiu
 estava morrendo afogado
 mas Marina o acudiu

Éle salvando-se disse:
 ainda fizeste esta ação?
 não julgava inda achar isto
 em teu cruel coração!
 Alonso ainda falou
 éle não deu-lhe atenção

Éle em soluço exclamava:
 oh! que coração cruel!
 boca que tanto beijei
 me parecia ter mel
 não sabia que no futuro
 fôsse uma taça de fel!

— Em noites, ella pequena
 só se acalmava comigo
 se ella dormido chorava
 eu estava sempre consigo!
 como se cria nos braços
 o mais tirano inimigo?

Saiu pelo mar vagando
 uma embarcação achou
 viu que era um naufragado
 parou o barco e o salvou

Ele dizendo quem era
a embarcação o levou

E Alonso com Marina
saiam também vagando
viram um barco japonês
adiante deles passando
Alonso pediu socorro
foi logo o barco parando

Em dia e meio de viagem
chegaram sempre ao Japão
levaram os papéis já prontos
se casaram sem bênção
descansou aí Alonso
das intrigas do barão

O barão chegou em casa
encontrou tudo estragado
o palácio onde morava
já se tinha incendiado
algum prédio que ainda tinha
estava hipotecado

Dizia ele a si mesmo:
vou morrer no estrangeiro
aonde ninguém não saiba
quem já fui eu de primeiro
alguém zombará de mim
quando eu não tiver dinheiro

Ele não sabia pra onde
Alonso tinha partido
embarcou para o Japão
onde era desconhecido
um cheque que levava
chegou, estava perdido

Carregou lixo na rua
 a fim de se alimentar
 caiu seis meses doente
 depois de se levantar
 para não morrer de fome
 foi preciso mendigar

Foi procurar um emprêgo
 de forma alguma encontrou
 apenas numa cocheira
 alguns meses trabalhou
 o trabalho era pesado
 e elle não aguentou

O leitor calcule agora
 que horrível situação
 hoje ser um jornaleiro
 quem ontem foi um barão
 ontem com tanta fortuna
 hoje mendigando o pão!

—Mas tudo isto é verdade
 (dizia elle consigo)
 morrerei entre os estranhos
 sem ver sequer um amigo
 ninguém me perguntará;
 quêde teu orgulho antigo?

—Aqui ninguém me conhece
 não saberão quem fui eu
 em minha terra dirão
 que o barão já morreu
 não há quem tenha o prazer
 de ver o sofrimento meu!

—Alguém que se lembra
 dirá: é um desgraçado;

não sabe quem fui outrora
desconhece o meu passado
também pela sepultura
muito breve sou chamado!

Muitas vözes o barão
recordando o seu passado
dizia consigo só:
eu sou muito desgraçado!
eis aí o meu orgulho
em que é que foi tornado!

— Aquêlé pobre rapaz
que anda no fim do mundo
feito um pobre foragido
talvez até um vagabundo
eu merecia por isso
um sofrimento profundo!

— Minha filha sendo única
que minha mulher deixou
a quem sua mãe morrendo
tanto me recomendou
eu obrigá-la a chegar
ao extremo que chegou!

Um dia que não ganhou
com que comprar alimento
e de noite não achou
quem lhe desse um aposento
essa noite para elle
foi um cárcere de tormento

Oprimido pela fome
pois nada comeu no dia
a roupa toda rompida
que o corpo lhe parecia

deitado numa calçada
imunda, melhada e iria

Um dia disse Marina:
meu pai há de ter morrido
aquêlê seu egoísmo
deve tê-lo consumido
pois o comum do orguiho
é sempre ser abatido

Disse Alonso: tenho pena
da loucura do barão
mas êle é orgulhoso
a ninguém presta atenção
com tudo isso assim mesmo
não lhe negava o perdido

Disse Marina: assim mesmo
com tôda essa crueldade
não posso deixar de ter-lhe
uma forçosa amizade
êle tem ódio de mim
eu dêle tenho saudade

—Se ainda chegar o dia
qu'eu o veja hei de curvar-me
embora o orgulho dêle
prive a êle de abraçar-me
porém se ver-me a seus pés
muito humilde há de tomar-me

Bem na calçada de Alonso
foi um dia êle cair
Alonso conheceu êle
e para não o affligir
sem dizer nada mandou
um criado o conduzir

Das-lhe quarto e n'a cama
 um médico veio o visitar
 êle fazia juizo
 mas não podia acertar
 porque meio aquêle homem
 assim queria o tratar

Marina, êle e Alonso
 uma noite conversando
 disse êle: sou um monstro
 é justo eu estar penando
 assassinei uma filha
 Deus está me castigando

— Fui malvado como Herodes
 soberbo como Lusbel
 tinha uma única filha
 uma alma nobre e fiel
 contra a razão obriguei-a
 a beber taça de fel

— Se eu inda visse meu genro
 para pedir-lhe perdão
 e pedir que me matasse
 eu lhe perdoava então
 minha vida hoje é um fardo
 dela não tenho precisão

— Eu sou um ente incapaz
 dum cristão me socorrer!...
 uma lágrima em Marina
 ela não pôde conter
 Alonso viu-a chorar
 fei obrigado a romper

- Seu genro, barão, sou eu
por mim está perdoado
já me esqueci disso tudo
pode ficar descansado
não é mais que isso o mundo
o barão estava enganado

- Bote a bênção em sua filha
fiqemos em união
Deus dá a sorte ao homem
para ver seu coração
faz o grande se humilhar
ergue o morto e dá-lhe ação

O barão ficou com eles
sendo de Alonso estimado
porém um sobrinho dele
que ainda tinha ficado
por quem ao cabo de anos
foi Alonso assassinado

Tivemos isto a um análise
então vê-se onde cai
A soberba é abatida
No abismo tudo cai
Deus é grande e tem poder
Reduz ao pó qualquer ser
O poder dele é de pai